

## PRÓLOGO

Isto ia matá-lo.

Não importava o quanto se tivesse preparado para aquele momento; os trinta minutos seguintes iam arrancar-lhe o coração do peito e reduzi-lo a pó.

Era inevitável.

— Há algum tempo que não falamos. — Ela parecia acusatória e insegura em igual proporção.

Não que a culpasse. Se estivesse no seu lugar, já teria desistido de si mesmo há muito tempo. Ela não desistira, o que o fazia amá-la ainda mais. Por outro lado, a lealdade dela tornava aquela conversa ainda pior.

Apoiou os antebraços nos joelhos e uniu as mãos. Concentrou-se nos veios da madeira do chão até começarem a rodopiar frente aos seus olhos.

— Tenho andado ocupado.

— Com o quê?

— Com as aulas. Com os planos do bar. Esse tipo de coisas.

— Vais ter de fazer melhor do que isso.

Levantou a cabeça subitamente perante o tom severo da voz dela. Mas olhar para ela revelou-se um erro.

Sentiu o peito a comprimir-se ao ver o rosto dela e a mágoa que inundava os bonitos olhos castanhos. Tinham-se passado duas semanas desde que haviam estado sozinhos pela última vez, mas podia ter sido há duas vidas.

O medo misturou-se com um entusiasmo estranho por estar novamente a sós com ela, e precisou de recorrer a toda a força de vontade para não a abraçar e nunca mais a largar.

— Diz-me a verdade. — A voz dela tornou-se mais suave. — Podes confiar em mim.

Seria fácil fingir que estava tudo bem. Dar-lhe a segurança que ela queria, para tudo voltar a ser como antes.

Confiava nela — mas a verdade iria destruí-la.

Por isso, fez a única coisa que podia fazer: mentiu.

— Lamento muito. — Afastou a emoção da voz e canalizou-a para o poço de desespero que se instalara no fundo do seu estômago. Será que ela ouvia o bater aflito do seu coração contra as costelas a gritar-lhe que parasse com aquilo? — Não queria fazer isto assim, mas penso que é melhor não voltarmos a ver-nos.

O rosto da Farrah empalideceu. O coração dele bateu ainda mais depressa.

— Desculpa?

Ele engoliu em seco.

— Foi muito divertido enquanto durou, mas o ano está quase a acabar e já não estou interessado. Lamento.

*Mentiroso.*

— Estás a mentir.

Estremeceu. Ela conhecia-o bem. Demasiado bem.

— Não, não estou. — Tentou soar descontraído quando o que queria fazer era cair de joelhos à sua frente e suplicar-lhe que não o deixasse.

— Estás sim. Disseste que me amavas.

— Menti.

Não conseguia olhar nos olhos dela.

A inspiração súbita da Farrah contorceu o seu coração num nó doloroso.

— Não dizes coisa com coisa, são só tretas. — A voz dela estremeceu. — Olha bem para ti, estás a tremer.

Cerrou as mãos em punhos e forçou o corpo a ficar quieto.

— Farrah. — *Era agora.* O ar saiu-lhe em pequenas golfadas superficiais. — Durante as férias, estive de novo com a minha ex-namorada. Não sabia como te contar. Mas amo-a e cometí um erro aqui, connosco. Estou a tentar consertá-lo.

O soluço dela rasgou o ar. As lágrimas ardiam-lhe nos olhos, mas recusou-se a retê-las.

— Lamento muito. — Que coisa tão estúpida e desadequada para se dizer num momento daqueles. Não sabia por que razão o repetia.

— Para de dizer isso!

Estremeceu ao ouvir o veneno na voz dela. Agarrou o colar com uma das mãos e a dor da traição rodopiava no seu olhar.

— Então foi tudo uma mentira. Este último ano.

Ele voltou a baixar os olhos.

— Porquê? Porque fizeste de conta que gostavas de mim? Foi uma piada parva, uma brincadeira? Querias ver até que ponto era ingénua, crédula para ir na tua conversa? Olha, muitos parabéns, porra. Ganhaste. Eis Blake Ryan, o grande campeão. O teu pai tinha razão. Nunca devias ter desistido de jogar. Não há melhor jogador do que tu.

Então era esta a sensação de se estar a morrer. A dor, o frio que vinha de dentro como um estilhaço de gelo negro e aguçado. O arrependimento pelas palavras que não podia dizer e as promessas que não conseguia cumprir. A solidão à medida que se deixou deslizar para um esquecimento escuro e sem estrelas, onde já não havia ninguém que o pudesse salvar.

— Lam...

— Se voltares a dizer que lamentas, juro que vou à cozinha buscar uma faca ferrugenta e te corto os tomates com ela. Na verdade, sou

capaz de o fazer de qualquer maneira. És um cabrão de merda. *Eu* é que lamento o tempo que desperdicei contigo, e lamento ainda mais pela tua namorada. Ela merece melhor do que tu.

Meu Deus, ele não queria que ela o odiasse. O que queria, mais do que qualquer outra coisa, era dizer-lhe que era só uma piada, que estava a meter-se com ela. Desejava agarrar nela e inspirar aquele aroma a flor de laranjeira e baunilha que o deixava louco e confessar como estava completamente apaixonado por ela, beijá-la até ficarem ambos sem ar.

Mas não podia. A primeira parte seria mentira, e a segunda... bem, era algo que nunca mais poderia voltar a fazer.

A Farrah encaminhou-se para a porta. Hesitou e olhou para trás, para ele. Estava à espera de que lhe atirasse mais palavras azedas — ele bem as merecia. Mas não o fez. Em vez disso, virou costas e fechou a porta atrás de si com um clique suave que ecoou no silêncio como um disparo.

Os seus ombros descaíram. Sentiu que toda a energia lhe fugiu do corpo.

Acabou. Não havia como voltar atrás.

Era o mais acertado que podia fazer, mas mesmo assim...

Fechou os olhos com força e tentou bloquear a dor. Não era capaz de tirar o rosto dela do pensamento. Não conseguiu deixar de ver a expressão que dizia que o desprezava tanto que nem ia perder mais energia a gritar com ele.

Ele acreditara no amor por causa dela. Naquele amor que só acontece uma vez na vida e nos deixa de rastos, o mesmo que costumava associar aos filmes de Hollywood. Não era só uma fantasia. Existia de verdade. E ele sentira-o no fundo da alma.

Se pelo menos se tivessem conhecido mais cedo ou noutras circunstâncias...

Ele sempre fora prático, e não valia a pena demorar-se muito no que podia ter acontecido. O dever unia-o a outra pessoa, e, mais cedo ou mais tarde, a Farrah ia avançar com a vida e conhecer alguém que

lhe pudesse dar tudo o que merecia. Alguém que ia amar, com quem podia casar-se, ter filhos...

A última parte intacta do seu coração estilhaçou-se perante este pensamento. Os fragmentos rasgaram o autocontrolo, e já não foi capaz de conter as lágrimas. Soluços silenciosos e gigantescos sacudiram o seu corpo pela primeira vez desde que era um menino de sete anos, quando caiu de uma árvore e partiu uma perna. Só que agora a dor era um milhão de vezes pior.

Todos os momentos que passaram juntos desfilaram pela sua cabeça, e o rapaz que um certo dia jurara nunca chorar por uma rapariga... chorou.

Chorou porque a magoou.

Chorou porque as lágrimas o ajudavam a esquecer a solidão desesperada que lhe pesava na alma assim que ela se fora embora.

Mas chorou, principalmente, por tudo o que tiveram, por tudo o que perderam e por tudo o que nunca poderiam ser.



# 1

## Oito meses antes

— Um chá clássico com leite e um com mel *oolong* e tapioca.  
Açúcar normal, gelo normal.

A Farrah Lin deslizou uma nota de vinte iuanes sobre o balcão em direção ao caixa e sorriu ao ver que a reconhecia. Chegara há quatro dias a Xangai e já era uma cliente habitual no café do *campus*, onde comprava o seu chá de bolhas. Preferia não pensar muito no que isso implicava para a sua carteira ou para a cintura.

Enquanto o pessoal preparava o seu pedido, ela examinou o menu. Sabia o que significava *nai cha* (chá com leite) e *xi gua* (melancia). Reconhecia mais alguns caracteres chineses, mas não o suficiente para formar uma frase coerente.

— Aqui tem. — O caixa entregou-lhe as bebidas. — Até amanhã!

Ela corou.

— Obrigada.

*Nota mental; pedir à Olivia que venha buscar o chá amanhã.*

A Farrah saiu do pequeno café e voltou para o *campus*. O sol já começara a sua descida no céu e banhava a cidade com uma luz dourada e morna. Os ciclistas e motociclistas passavam por ela a toda a velocidade, disputando com os carros por espaço na rua estreita.

Os aromas deliciosos que pairavam vindos dos restaurantes por onde ela passava misturavam-se com outros cheiros menos agradáveis do lixo e com o pó da construção. Os vendedores de rua gritavam para os transeuntes e apregoavam tudo, de bonés a cachecóis, livros e DVD.

A Farrah cometeu o erro de cruzar o olhar com uma destas vendedoras.

— *Mei nu!* — Queria dizer *rapariga bonita*, e se a Farrah não soubesse que se seguiria uma tentativa agressiva de lhe vender qualquer coisa, até podia sentir-se lisonjeada. — Vem, vem. — A vendedora velhinha chamou-a. — De onde és? — perguntou-lhe em mandarim.

A Farrah hesitou antes de responder.

— América. — *Mei guo*. Arrastou a última sílaba, sem saber se a confissão a ia ajudar ou prejudicar.

— Ah, América. És ABC — disse a vendedora com ar conhecedor. ABC queria dizer que era chinesa nascida na América e, nos últimos dias, a Farrah ouvira este acrônimo muitas vezes. — Tenho alguns livros em inglês muito bons. — A vendedora acenou-lhe com um exemplar de *Comer, Orar, Amar*. — São só vinte *kuai*!

— Obrigada, mas não estou interessada.

— Então e este? — A senhora pegou num livro de Dan Brown.

— Faço-te um bom preço. Três livros por cinquenta *kuai*!

A Farrah não precisava de mais livros, e achava cinquenta *kuai* (mais ou menos sete dólares americanos) um exagero por edições de má qualidade de livros antigos. Mas a vendedora parecia ser uma velhota muito simpática, e sentiu que não tinha energia para regatear com ela.

Viu as opções em inglês e escolheu de imediato romances: Jane Austen, Nicholas Sparks e JoJo Moyes.

*Tudo bem, Sparks e Moyes escrevem histórias de amor e não romances, mas mesmo assim.*

Considerando a seca que era a sua vida amorosa, contentava-se com qualquer tipo de relacionamento romântico, mesmo que acabasse em tragédia. Talvez não com morte, mas com uma separação ou algo do género.

Qualquer coisa que provasse que o amor louco que toma conta da vida das pessoas como se via nos livros e nos filmes também podia existir na vida real.

Depois de um primeiro ano de faculdade muito desapontante cheio de encontros medíocres que nunca chegavam a sexo, a Farrah estava pronta para desistir da realidade e viver a tempo inteiro no reino da fantasia.

— Levo estes. — Pousou as bebidas no chão para pegar no exemplar de *Orgulho e Preconceito* (o seu favorito), *O Diário da Nossa Paixão e Viver depois de Ti*. Já os lera todos, mas enfim, uma releitura nunca fizera mal a ninguém.

Pagou à vendedora, que sorriu amplamente e se desfez em agradecimentos antes de concentrar a atenção no próximo cliente que por ali passasse.

— *Mei nu!* — exclamou a velhota, chamando uma rapariga com um vestido cor de cobalto. — Vem, vem.

A Farrah pendurou o saco de compras no pulso e voltou a pegar nos copos enquanto a jovem tentava esquivar-se à venda agressiva da velhota. Caminhou velozmente até ao *campus*, com o cuidado de não cruzar o olhar com mais nenhum vendedor, não fosse ser obrigada a comprar mais alguma coisa de que não precisava.

Parou na passadeira. Em vez de passar assim que o semáforo ficou verde para os peões, esperou até um grupo de adolescentes sair do passeio antes de se embrenhar na selva do trânsito em Xangai.

Regra número 1 da sobrevivência na China: atravessar a passadeira quando os locais atravessam. Os números proporcionam verdadeira segurança.

Quando chegou à Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o *campus* que acolhia o programa de estudos no estrangeiro a que se candidatara, já terminara a bebida. Deitou o copo num caixote do lixo próximo e empurrou a porta do átrio da FEA.

A FEA era a Academia de Estudos Internacionais e ocupava um dos pisos da universidade. O edifício de quatro pisos não só não

contava com elevador, como o *design* do interior deixava muito a desejar. O átrio tinha potencial — chão de mármore, montes de luz natural a entrar pelas enormes janelas viradas para o pátio —, mas a mobília parecia ter vindo dos anos 1980 (e não de uma forma *retro* agradável de acordo com os padrões atuais).

Um sofá de couro desgastado estava encostado à parede por baixo da janela, ao lado de cadeiras e mesas desirmanadas. Um suporte de revistas periclitante vergava-se com o peso de dezenas de edições antigas da *Time Out Shanghai*. Nas paredes havia pinturas de paisagens chinesas já meio desbotadas, o que só compunha o ar pouco polido do átrio.

Como já era habitual em si, a Farrah não conseguiu evitar redecorar mentalmente todo o espaço. À medida que subia as escadas até ao terceiro piso, trocou a atual mobília por um conjunto de verga com almofadas fofas e mesas com tampos de vidro para expandir visualmente o átrio. As aguarelas antigas deram lugar a painéis de arte de inspiração oriental — talvez algumas representações pormenorizadas de flores de lótus ou das flores das ameixeiras com caligrafia chinesa moderna. Podia forrar a parede com estantes e...

— Ai! — Ia tão absorta no seu sonho desperto de decoração que foi contra a parede. Levou a mão à testa quando a dor ecoou no cérebro. Felizmente, não sentiu nenhum galo.

O chá de bolhas da Olivia também estava intacto, graças a Deus. Ela tornava-se um pouco assustadora quando não recebia a sua dose diária de açúcar.

A parede mexeu-se.

— Estás bem? — perguntou a parede.

Uau, uma parede que se movia e falava. Devia ter batido com mais força do que pensava.

A Farrah espreitou por baixo da mão e deu por si a olhar para dois olhos de um azul cristalino. Reconheceu aqueles olhos. Ainda no ano anterior a fixaram na capa da *Sports Illustrated*, por cima de maçãs do rosto altas e sorriso convencido.

Agora, examinavam-na com um misto de diversão e preocupação.

— Tu não és uma parede — disse sem pensar.

— Não, efetivamente não sou. — A não parede ergueu uma sobrancelha. Um sorriso discreto pairava sobre os seus lábios. — Já me chamaram muitas coisas na vida, mas parede é uma novidade.

A Farrah debateu-se com a onda de embaraço que se espalhava pelo seu rosto. De todas as pessoas com quem se podia deparar, tinha logo de embater no Blake Ryan.

Apesar de não ser fã de desportos, sabia quem ele era. Toda a gente sabia. Um conhecido jogador de futebol americano, do Texas, que causou grande agitação nacional quando, no início do ano, se despediu da equipa em que jogava. Além de se recordar do Blake da capa da *Sports Illustrated*, lembrava-se de um documentário do canal ESPN sobre os atletas universitários mais talentosos do país. A colega de quarto que tivera no ano anterior obrigara-a a ver o documentário porque estava obcecada por um dos jogadores da equipa de basquete da Universidade da Califórnia e precisava de alguém que a acompanhasse.

Foram os setenta e cinco minutos mais aborrecidos da vida da Farrah, mas pelo menos serviu para deliciar as vistas com os atletas bonitos, nenhum tão bonito como o texano que estava, naquele instante, à sua frente.

Um metro e oitenta e cinco de pele bronzeada e músculos definidos, cabelo dourado, olhos de um azul glacial e maçãs do rosto capazes de cortar gelo. Não era o tipo de que a Farrah gostava, mas era obrigada a admitir que era lindo de morrer. Quando estudou mitologia grega, no sétimo ano, imaginou que Apolo fosse exatamente assim.

— Bem, és mesmo muito duro. — As palavras escaparam-se dos seus lábios.

*Por amor de Deus, eu não acabei de dizer isto em voz alta.*

O rubor viajou do seu rosto para o resto do corpo. Não importou o quanto rezasse, o chão não se abriu e não a engoliu, o grande cabrão.

As sobrancelhas do Blake arquearam-se.

— Queria dizer que o teu peito é mesmo duro. Mais nada. Apesar de certamente poder ser tudo duro, se quisesses.

*Matem-me já, por favor.*

A centelha de diversão transformou-se num sorriso radioso e deu origem a duas covinhas no rosto que deviam ser classificadas como armas letais.

— Pode, sim senhora — disse ele com a voz arrastada. — Sobre-tudo quando estou perto de uma rapariga tão bonita como tu.

O embaraço que a Farrah sentia cessou subitamente.

— Oh, *por favor*. Isso funciona de verdade?

— O quê?

— Essas frases de engate da tanga. Resultam?

— Nunca ninguém se queixou. Além disso, olha para mim. — O Blake apontou para si mesmo. — Nem preciso de frases de engate.

— Uau. — A Farrah abanou a cabeça. Era mesmo o *desportista típico*. — Deve ser difícil andar por aí com um ego tão grande.

— Fofa, o meu ego não é a única parte de mim que é grande.

A Farrah não conseguiu evitar. Os seus olhos desceram para a região por baixo do cinto das calças dele. Uma imagem do que estaria sob a ganga invadiu o seu pensamento e de repente ficou com a boca muito seca.

— Falo do meu peito, evidentemente. — O Blake abanou a cabeça enquanto se ria.

Os olhos da Farrah subiram de repente para o rosto dele.

— Eu sabia disso. — O embaraço regressou e trepou-lhe pelo pescoço.

— Claro que sabias. Uma vez que já me despiste com os olhos, acho que devíamos...

— Eu *não* te despi com os olhos...

— ... apresentar-nos. — Estendeu-lhe a mão. — Chamo-me Blake.

Ela sabia quem ele era, ambos sabiam disso. Mas a Farrah alinhou porque (1) a mãe a ensinara a ser educada e (2) apesar de saber o nome

dele, decerto ele não sabia o seu. Os dois cruzaram-se brevemente no jantar de receção, na primeira noite do curso para estrangeiros, que tinha setenta alunos. A própria Farrah só se recordava do nome de metade dessas pessoas.

— Eu sou a Farrah.

Mudou a asa do saco de plástico para o outro pulso para o cumprimentar com um aperto de mão. A palma da mão dele era morna e áspera contra a dela. Quando os olhos de ambos se cruzaram, um breve e inesperado choque crepitou pelas suas veias.

— A Farrah da Califórnia.

Se ele tivesse começado a recitar *A Ilíada* em grego antigo, ela não teria ficado tão surpreendida.

— Lembras-te.

— Como podia esquecer-me? — O olhar do Blake passou sobre o rosto da Farrah e demorou-se nos lábios.

O coração dela acelerou ligeiramente. Ele era o oposto do seu ideal romântico — alto, escuro e bonito, com sensibilidade, cultura e inteligência —, mas não tinha como ignorar o *sex appeal* do Blake. Pingava de todos os poros como mel de uma colmeia.

— Então não precisávamos de nos apresentar de novo.

— Pois não. — Ele aproximou-se sem soltar a mão dela. — Mas queria uma desculpa para te tocar.

Não, o Blake não era o tipo de homem da Farrah, mas não havia rapariga no mundo que não se derretesse sob o calor do seu olhar. A Farrah odiava admiti-lo, mas não era exceção a esta regra.

Mas raios a partissem se ia deixar que ele percebesse.

Enquanto se esforçava por encontrar algo espirituoso para lhe responder, o Blake baixou a cabeça e murmurou-lhe:

— Ainda achas que as minhas frases de engate são da tanga?

Ela puxou a mão da dele e ignorou a gargalhada. O som profundo e aveludado espalhou-se pela escada vazia e preencheu-a com a sua riqueza e exuberância.

— Olha, por acaso, acho, sim — respondeu com toda a dignidade que conseguiu reunir. — Não és tão bom quanto julgas que és.  
— Ai, *que mentirosa*. — O que não falta por aí são tipos tão bonitos como tu.

— Ah-ah! Então admites que sou bonito.

Caraças.

— Do ponto de vista puramente físico, sim.

— Hmm, é isso que define uma pessoa bonita.

— Pois, tenho coisas mais importantes para fazer do que estar aqui a ter discussões filosóficas contigo. Por isso, se...

— Coisas como ler romances deprimentes? — O Blake apontou para o saco de plástico. A capa de *O Diário da Nossa Paixão* via-se através do plástico fino avermelhado.

— Não estou à espera de que percebas, mas esta é uma história de amor maravilhosa — retorquiu a Farrah.

— Olha, o que resultar para ti está bem. Não tenho nada contra histórias de amor. Além disso, se andares à procura de outras coisas que possas fazer comigo, sem ser discutir, tenho algumas ideias. — O tom sugestivo inundava a voz dele. — Tu, eu, o meu quarto, ora aí está uma história de amor maravilhosa.

Ela respirou fundo.

— É que nem nos teus sonhos. Não fazes o meu género.

— Faço o género de toda a gente.

A Farrah nem se deu ao trabalho de responder à arrogância dele. Passou pelo Blake e começou a subir as escadas.

— Espero que tu e o teu ego tenham uma boa noite — disse por cima do ombro.

— Eu e o meu ego temos sempre excelentes noites. Já agora...

— respondeu ele. — Odeio ver-te ir embora, mas adoro ver-te de costas.

A Farrah comprimiu os lábios e esforçou-se por não sorrir perante a frase tão intencionalmente cliché.

SE NOS VOLTARMOS A ENCONTRAR

O Blake Ryan podia ter um sentido de humor melhor do que ela esperara, mas não demonstrava potencial para ser protagonista de história de amor nenhuma.

Não com a Farrah.

É que nem andava lá perto.